

NOTÍCIAS UNIVERSITÁRIAS

O IDEAL UNIVERSITÁRIO

Dia 1.º de Julho de 1948, por ensejo do lançamento da pedra fundamental das novas obras da Universidade do Rio Grande do Sul e quando, simultaneamente, se fundava a Associação dos Professores Universitários, o Prof. Armando Câmara, ao tempo Reitor Magnífico da Universidade, proferiu a seguinte oração:

“Uma Universidade, dissemos alhures, não consiste tão só numa fonte de sabedoria e de ciência, numa energia espiritual luminosa e irradiante; é, ainda, uma organização de convívio; situa-se num espaço social; é uma administração, uma realidade que se insere no mundo das cousas, dos objetos materiais, dos valores úteis e econômicos. Essa mensagem do espírito de que ela é portadora, essa comunicação que deve fazer de uma sabedoria, a Universidade realiza-a através de homens e pela utilização de objetos.

O ideal universitário, para que se possa concretizar e exercer sua ação transfiguradora, exige a oferta de vidas humanas votadas à contemplação desinteressada da verdade, à pesquisa, à exploração do mistério do sêr, enfim ao saber e à técnica. Exige, também, quadros materiais de realização, laboratórios, gabinetes, um espaço construído, um cenário próprio.

Amparar o portador da cultura, o professor, criar meios materiais para que atui com eficiência, são condições que, não atendidas, transformariam uma Universidade numa caricatura de algo sagrado para a inteligência. Um governo universitário que descuidasse o tratamento dessas exigências, estaria na iminência de confundir a comunicação da ciência com a difusão do charlatanismo.

Senhores — Inteligência servida por órgãos, na criticada definição de De Bonald, animal racional, o homem, em seu esforço criador da cultura, está condicionado a um duplo espaço: psicológico-social e físico.

O surto das chamadas escolas da sabedoria clássica, greco-romana, traduz este duplo condicionamento na constituição do saber humano.

A Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles não expressaram, apenas, a existência de uma equipe de pensadores, de um grupo de discípulos em torno de um mestre; foram, ainda, originariamente, casas, edifícios escolares, vulgares construções, massas arquitetônicas, localizadas em determinadas regiões de Atenas, e que integravam tudo que, “in illo tempore”, era considerado necessário e conveniente ao processamento da cultura.

A realidade inextensa do espírito insere-se, emerge na realidade extensa das cousas. As intuições do gênio que descobre, as criações do talento que inventa, realizam-se, em verdade, meta-espacialmente.

Mas, as descobertas e as invenções do espírito só vão constituir bens culturais quando se objetivam e se fazem transferíveis, comunicáveis, encarnando-se em cousas, concretizando-se, fazendo-se objetos de ensino, de demonstração, de crítica e de aprendizagem.

E essa objetivação das produções do pensamento, exige espaço adequado à sua universal aquisição pelas inteligências.

Como a Técnica exige o espaço da fábrica, como a Mística exige o espaço do templo, como o amor exige o espaço do lar, assim o saber exige o espaço da Escola — seja ela Liceu ou Academia, seja Anfiteatro ou Laboratório, espaço necessário para a demonstração de um teorema ou para a observação do comportamento das afinidades atômicas e das reações dos microrganismos.

Mas, como a Técnica, como a Mística e como o Amor, o Saber exige, igualmente, o fenômeno do convívio, pressupõe o espaço social, um contexto de energias inter-psicológicas, implica a existência da escola, no sentido sociológico da palavra.

Senhores — Nesta sessão de Assembléia Universitária, convocada para o lançamento de duas fundações — a de um edifício e a de uma associação, atendemos a essa dupla necessidade de toda organização cultural: a de espaço físico e a de espaço psicológico-social.

Era deprimente para nós sermos passivas testemunhas desse espetáculo de uma Universidade oficial com duas Faculdades — a de Economia e a de Filosofia, sem sede própria, com duas tradicionais escolas — a de Engenharia e a de Agronomia, situadas em condições materiais deploráveis, em edifícios inadequados às exigências de sua crescente população escolar e à progressiva complexidade de seus cursos; com Institutos carentes do necessário aparelhamento laboratorial, com gabinetes povoados de equipamento fóssil, revelando incoercível vocação para se constituírem em museus exemplares...

Permaneceremos impassíveis face a essa indigência ou consolarmos com a visão de uma futura Cidade Universitária, seria trair elementar dever funcional. A fidelidade a esse imperativo compeliu-nos a agir oportuna e, talvez, importunamente, para que se corrigisse essa comprometedor anomalia pedagógica. Nosso clamor e nossa ação não foram infecundos; a palavra e o gesto reivindicadores suscitaram enfim, como vêdes, a satisfação da necessidade vital. O lançamento desta pedra fundamental revela-nos que, em verdade, pronunciamos palavras construtivas...

Não é, ainda, a fundação de uma Cidade, talvez mesmo não seja nem a de uma Vila Universitária, a que hoje iniciamos; de qualquer modo, certo é que, neste ato, damos um definitivo adeus, e sem nenhuma melancolia, à ameaçadora visão de uma maloca universitária...

Lançando os fundamentos desta construção monumental, atendemos, apenas, voltados para o presente e para o concreto, inadiáveis exigências da instituição sob nosso governo. Com este gesto não renunciamos, de modo algum, às providências relativas à construção da futura Cidade Universitária, obra que, pelo seu vulto, pelas dificuldades múltiplas que encerra sua realização, exigirá, para ser concluída, um decurso de tempo que, sem grave desprestígio cultural de nossa Universidade, não poríamos aguardar.

Senhores — Quero, neste momento, cumprir um dever de justiça. A satisfação que nesta hora começamos a dar à vital necessidade de espaço construído, de que padecia nossa Universidade, muito deve ao Senhor Governador do Estado. Sua Excelência revelou, no tratamento desse problema básico de nossa instituição, um alto espírito público e

uma nobre compreensão. Quero expressar-lhe, por esta sua atitude, o apreço e a gratidão da Universidade do Rio Grande do Sul.

Senhores — As condições em que surgiram, na América, as Universidades, não coincidem com as que determinaram sua gênese, na Europa. Lá, há mais de 7 séculos, no interior da uma civilização hígida, possuidora de uma vigorosa unidade espiritual, o sistema universitário caracterizava-se pela posse de uma enérgica visão unitária do ser, dominando todo o panorama de uma multiplicidade de formas especializadas do saber.

Sua constituição resultou de uma extensão feliz do direito corporativo à esfera de ação dos homens votados à cultura. Foi um elã vibrante de solidariedade de classe, foram os vínculos criados por uma mesma vocação, por um comum ideal, que geraram as primeiras Universidades. Dois traços a caracterizavam: a unidade do saber e a solidariedade, o convívio íntimo e a íntima colaboração dos portadores da cultura que as integravam.

Bem diversas foram as condições em que surgiram, entre nós, as universidades. Preliminarmente, vivemos no interior de uma civilização cuja unidade espiritual foi fraturada. Acresce que a cultura superior, entre nós, processou-se através de escolas e faculdades isoladas, que proporcionavam o saber rigidamente profissional.

Nossas universidades constituíram-se pela reunião dessas escolas, sob o influxo de iniciativas políticas do Estado. Nelas existe menos um sistema, que um conglomerado cultural. Constituem, ainda, simples unidades administrativas. Nelas, não se traduz a existência de um espírito universitário, que pressupõe convívio demorado, comunicação de ideias, de experiências, de pesquisas em torno de problemas comuns.

Carecemos, lamentavelmente, de um espaço psicológico-social, indispensável à constituição de uma cultura integral. Para merecer o nome que traz, nossa Universidade deverá constituí-lo. E ela poderá fazê-lo, preclupamente, organizando o convívio de seus mestres e de seus alunos, proporcionando-lhes, através de vivências, tipicamente universitárias, a consciência do ideal comum.

Senhores — Foi para ofertar à nossa incipiente Universidade essa situação, necessária à sua existência normal e específica, que, hoje, lançamos as bases da Associação dos Professores Universitários.

Complexo, vital é o seu programa de ação. Realizado, êle transformará a vida Universitária, nela gerando uma autêntica e vigorosa unidade cultural.

Senhores professores e senhores acadêmicos — Testemunhais, nesta Assembléia, duas iniciativas que nada têm de decorativas e protocolares: elas expressam gestos que queremos sejam criadores de realidades, atos que esperamos sejam constitutivos da Universidade do Rio Grande do Sul.

Apelamos para vossa colaboração e cremos que vos transformareis, de testemunhas, em fecundos operários dêsse nobre labor que, nesta hora, se inicia. Disse”.

*

A CONFERÊNCIA DE DOM GIUSEPE RICCIOTTI

Realizou-se, no salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, uma conferência do Revdmo. Dom Giuseppe Ricciotti, professor da Universidade de Roma, e autoridade mun-

dialmente reconhecida em assuntos orientais, mormente no que diz respeito à Palestina. A conferência de Dom Ricciotti versou sobre o Problema da Palestina, tendo o conferencista abordado magistralmente a questão, focalizando-a sob todos os seus múltiplos e diversos prismas, afirmando que somente a internacionalização de Jerusalém poderá pôr termo às divergências e atritos. Numeroso público compareceu ao salão nobre da Faculdade de Direito, a fim de ouvir o ilustre conferencista, destacando-se grande número de membros do corpo docente da Universidade do Rio Grande do Sul, e outras pessoas gradas.

Saudando a Dom Ricciotti, falou o prof. José Salgado Martins, diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, proferindo a oração que segue:

“Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano. Eminente Sr. Dom José Ricciotti. Srs. Professores. Senhoras e Senhores.

Poucas vezes, à Faculdade de Direito tem sido conferida honra tão insigne quanto a que desfruta, nesta noite, recepcionando o eminente senhor Dom José Ricciotti. A presença de Dom José Ricciotti e a palavra do brilhante historiador e do profundo exegeta de milenárias civilizações, que vamos ouvir e recolher como as fulgurações do seu extraordinário espírito, revestem-se de inofuscável significação para nós, brasileiros e rio-grandenses, tão íntimamente ligados, pela sensibilidade do espírito, pelos pendores do mesmo temperamento latino, pela formação cristã de nossa vida individual e coletiva, às perenes correntes espirituais a que se abebera a pátria italiana, herdeira direta do legado imortal da latinidade. Cresce ainda de vulto a sua presença nesta Faculdade, porque o conferencista desta noite é uma das altas expressões da cultura universitária da sua pátria, como professor da Régia Universidade de Roma. Pesquisador profundo dos enigmas de velhas civilizações, vem reconstruindo as origens e as características daqueles povos de pastôres e profetas que, nos reinos de Israel e de Judá, povoaram as paragens bíblicas do Oriente.

Dom José Ricciotti, na sua notável “História de Israel, das origens ao exílio”, não fez obra de imaginação ou de simples intuição psicológica, mas realizou pesquisa histórica, de cunho científico, amplamente documentada, segura nos juízos e nas conclusões. Mas, por outro lado, não se confina a sua obra à restauração fria e impassível do passado histórico. É, ao contrário, um resumo cálido do espírito que animou os acontecimentos históricos, que dinamizou os lances mais significativos, que marcou as grandes linhas e os profundos motivos do seu apogeu ou do seu ocaso. A história não é para Dom José Ricciotti a simples reprodução dos fatos na sucessão dos episódios no tempo. A história é a vida, é a síntese do processo sociológico, desvendado nos seus segredos pela visão percuciente do filósofo. O juízo do historiador é mais amplo e mais profundo do que a simples evocação do historiógrafo.

Enquanto êste descreve, aquêle interpreta. Um registra os acontecimentos, outro busca o seu sentido íntimo e, ligando-os ao panorama universal da vida, determina as leis gerais da sua evolução, destaca os fatores que lhe condicionaram a gênese e fixa a posição do fato histórico, como viva intercessão dos mais variados elementos, presentes na fenomenologia social.

Na "História de Israel", o seu ilustre autor mostra que o profetismo constitui o centro de gravitação de tôda a vida do povo do Velho Testamento.

"Assim como num oásis, rodeado pelo árido deserto, o segrêdo de sua vegetação luxuriante reside no manancial inexaurível que irriga as palmeiras e as outras plantas, assim também foi o profetismo na história de Israel a "fonte de água viva", por meio da qual Yahvé manteve a sua nação, sob o florescimento sempre renovado" (História de Israel, pág. 344-45).

.....

"A atitude das massas frente aos profetas foi a atitude ordinariamente assumida pelos pigmeus morais frente aos gigantes: uma postura ilógica, mutável, variando entre a veneração e o repúdio, entre a fé e a incompreensão que no momento de bestial exasperação lapidava o gigante para logo depois, com as mesmas pedras salpicadas de sangue, erigir-lhe um monumento. Mas, mesmo no meio de suas violências contra os profetas, o povo presentia confusamente a enorme importância daquela missão na vida nacional.

"Muitas vêzes, os profetas foram comparados às sentinelas colocadas em altas tôrres para sinalar a proximidade do inimigo, às escoltas que vigiam a segurança do acampamento, às guardas noturnas que espiam na insidiosa escuridade; por isso, o povo, ainda quando enfatiado com o alarma de semelhante escolta, sentia a superioridade de sua missão.

"Israel se havia habituado, com efeito, a êsses gritos de alarma e a ver surgir um profeta, especialmente, nos tempos mais críticos. Quando periódicamente, revolvía-se sôbre o povo a tormenta, condensada, durante anos, pelos seus próprios delitos, sabia-se que Yahvé, nesse momento, juntamente com a praga, enviaria a medicina e que, ao mesmo tempo, com a catástrofe chegaria o ditador espiritual que reconstruiria o destruído." (ob. cit., pág. 360-61, n. 430).

Depois, as adversidades acumularam-se sôbre o povo e, nos últimos tempos, não se levantava mais sôbre as cabeças desalentadas a voz pacificadora ou rugidora do profeta.

"O astro do profetismo estava no ocaso. Havia cumprido a sua missão, dissipando as trevas da noite. Avizinhava-se a claridade matinal do grande dia." (ob. cit. pág. 361).

E o aparecimento d'Aquele que seria a eclosão de uma manhã radiosa na face do mundo, dando-lhe a unidade de uma doutrina, doutrina feita de caridade e de amor, em que já não caberiam os delírios do profetismo e as explosões do ódio ou a total submissão aos valores transitórios da terra, a história de Cristo, que é a história das origens divinas do cristianismo, encontrou ainda em Dom José Ricciotti o extraordinário exegeta que confundiu, com a sua crítica certa, a falácia do racionalismo pseudo-científico que se confessou incapaz de compreender a sobrenaturalidade de Cristo, sob a condição natural de sua humanidade.

Senhor Dom José Ricciotti: A Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, recepcionando-vos nesta noite e tributando-vos as homenagens do seu respeito e da sua admiração, está recolhendo, para os anais da vida acadêmica, insigne honra que a desvanece, e, ao mesmo tempo, está manifestando exemplar fidelidade aos grandes princípios que definem a sua vocação universitária, pois esta sômente pode afirmar-se no quadro da espiritualidade cristã, fora do qual se desnatura a essência do homem. Bem-vindo seja o insigne historiador cristão a esta modesta casa onde se ensina e se cultua o Direito, princípio imamente de Deus na consciência dos povos e dos homens."